

PROJETO DE EXTENSÃO: MÉDICO VETERINÁRIO E CUIDADOS COM SEU PET

Matheus Oliveira¹; Edenara Anastácio²; Clederson Idenio Schmitt³; Cristiane Brum⁴; Eduarda Dode⁵; Carine Corcini⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – matheus.jose1@outlook.com.br ¹

²Universidade Federal de Pelotas – edenara_anastacio@hotmail.com ²

³Universidade Federal de Pelotas – schmittproducoes@gmail.com ³

⁴Universidade Federal de Pelotas – krika.vet@outlook.com ⁴

⁵Universidade Federal de Pelotas – dudadode@hotmail.com ⁵

⁶Universidade Federal de Pelotas – corcinicd@gmail.com ⁶

1. INTRODUÇÃO

A relação entre o cão e o homem começa aproximadamente 10 mil anos atrás, num primeiro momento tendo a base fundamentada no auxílio de trabalhos, como o pastoreio e a caça. Com o decorrer dos anos e o estreitamento dos laços, esta união vem ganhando cada vez mais espaço nos lares, com isso, estes que antes, majoritariamente, apenas amparavam os seres humanos em tarefas rotineiras, agora estão sendo considerados como novos membros das famílias (COSTA et al., 2018).

Uma vez que sua sobrevivência se atrelou a dependência dos cuidados de seus tutores, começaram a surgir práticas, como a guarda responsável e a saúde e bem estar animal, visando dar melhor conforto e seguridade, tanto para o cão, quanto para o homem (ISHIKURA et al., 2017; RODRIGUES et al., 2017). Com isso, aumenta-se os riscos da transmissão de zoonoses, sendo também importante a conscientização dos tutores sobre a questão do acesso a rua, pois podem representar futuros problemas de seguridade para ambas as partes, inclusive a comunidade como um todo (ANDRADE et al., 2015).

Desta forma, considerando a nova conjuntura na qual os animais domésticos estão ganhando cada vez mais espaço dentro dos lares, o papel do Médico Veterinário vem se tornando cada vez mais indispensável. Sendo este o responsável por garantir tanto a saúde clínica do paciente, quanto a emocional através de orientações de cuidados, os quais também irão ter reflexo na saúde pública, e respeitos que o tutor deve levar em consideração na criação de seu cão (MORETTI et al., 2013; OLIVEIRA et al., 2015; ROSA JUNIOR et al., 2012, SILVA SIMÕES et al., 2018).

Portanto, o presente trabalho tem como objetivo um levantamento amostral dos conhecimentos e condutas básicas dos tutores para com seus animais.

2. METODOLOGIA

A amostra “O Médico Veterinário e cuidados com seu pet”, está ligado ao grupo de ensino e pesquisa em reprodução animal (Repropel) da Faculdade de Veterinária da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Visa atrelar mais os laços entre o conhecimento produzidos nas áreas acadêmicas para com a comunidade. Com base nisso, elaborou-se um questionário com questões abertas e fechadas, buscando conhecer o perfil do público presente no evento e informações básicas sobre os animais (tipo de alimentação, ambiente onde o animal convivia). O questionário foi aplicado por discentes do curso de veterinária e da pós-graduação da veterinária da UFPEL, durante os dias 16 e 23 de junho de 2019, na Feira Nacional do Doce

(FENADOCE) na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. As respostas foram avaliadas pela distribuição de frequências.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi obtido um total de 118 respostas durante os oito dias da amostra. Quando questionados sobre o ambiente em que seus *pets* são criados, uma expressiva parcela de tutores 63,4% (52), disseram manter eles no ambiente domiciliados e 36,6% (30) no ambiente semidomiciliados, ou seja, com tendo acesso livre a rua. Esses resultados demonstram a tendência de os tutores criarem seus *pets* dentro de casa (ISHIKURA et al. 2017), notando-se uma tendência de os tutores estarem buscando dar, cada vez mais, melhor conforto e segurança aos seus *pets*. Além é claro desta forma contribuir para a diminuição de cães errantes ou até mesmo de gestações não desejadas.

Entretando, mostra-se relevante destacar o número expressivo, de animais semidomiciliados. Pois, tendo acesso a rua, eles estão automaticamente assumindo maiores riscos de contrair enfermidades, e podendo tornarem-se reservatórios e possíveis transmissores de zoonoses (OSAKI et al., 2018) gerando um problema de saúde pública.

Durante as entrevistas não houve uma distinção para saber se os animais eram felinos ou caninos, assim, considerou-se ambas as possibilidades para a discussão das possíveis zoonoses no caso dos animais semidomiciliados. Como exemplos, temos a toxoplasmose, a qual representa uma ameaça à saúde pública, principalmente, para gestantes e imunossuprimidos (DUBEY et al. 2012). Nesse contexto podemos citar o surto de toxoplasmose ocorrido em Santa Maria, RS, no ano de 2019, aonde se teve mais de 900 casos confirmados de toxoplasmose (CASTRO 2019), dos quais podem estar relacionados com a contaminação da água que era distribuída na cidade, além de o protozoário também poder ser transmitido pela contaminação da comida através de fezes.

Ainda se pensando mais nos felinos, é interessante se destacar a esporotricose é uma zoonose endêmica na região sul do estado do Rio Grande do Sul (MADRID, 2017), devido as condições de umidade que favorecem sua sobrevivência. Essa zoonose é por vezes adquirida por gatos ao entrarem em contato com solo e matéria orgânica em decomposição (BARROS; PAES; SCHUBACH, 2011), sendo inoculado em suas garras, pelo hábito de arranhadura, e tornando-se, assim, uma micose com potencial zoonótico, a partir do momento em que há a necessidade de se sofrer um trauma subcutâneo de um animal infectado (GREMIÃO et al., 2017).

Na questão de alimentação, 95,1% (78) fornecem ração a seus animais e 4,9% (4) fazem o uso de comida caseira. Este resultado se mostra positivo, do ponto de vista de suprir as necessidades especiais de cada animal, em cada fase de sua vida, ou situação de estresse patológico. No entanto, nota-se uma falsa crença de que a ração caseira/natural, viria a ser a mais indicada, pois transmite a sensação de ser mais “saudável”. Desta forma, por desconhecimento das demandas nutricionais específicas da espécie de seu *pet*, deixarem de consultarem um Médico Veterinário especialista e ignorarem, por vezes, questões específicas, como: sexo, idade e demanda fisiológica (MICHEL 2006, REMILLARD 2008, REMILLARD & CRANE 2010, JOHNSON et al. 2016). Com isso ocasionando problemas nutricionais, como excesso de peso, e até alterando a microbiota intestinal de seus animais.

Todavia, em quadros patológicos, por vezes o paciente entra em estado de hiporexia, que seria a diminuição do apetite, o que o coloca em saldo calórico

negativo e dificulta até mesmo, dependendo, a administração de medicamentos via oral e o fortalecimento de seu sistema imune. Nesses casos, a maior palatabilidade de uma comida natural pode favorecer o prognóstico desse paciente (OLIVEIRA ET AL. 2014), na medida em que há melhor aceitação. Sendo assim, a alimentação caseira/natural é um forte aliado em casos patológicos e pode ser utilizada para animais sadios também, contanto que o tutor tenha o esclarecimento necessário para entender as nuances que seu *pet* possui, fazendo o acompanhamento com um Médico Veterinário e, principalmente, siga a risca aquilo que o profissional lhe indicou (REMILLARD 2008).

Por último, é válido reforçar a importância de se fomentar mais para o grande público a importância do Médico Veterinário na saúde individual do paciente, na saúde da família e comunidade, a partir do momento em que com as devidas orientações e cuidados, pode-se evitar a contração e disseminação de zoonoses e outras doenças de importância pública. Isto posto, verifica-se o sucesso deste projeto em levar mais conhecimento para a comunidade, ao mesmo tempo em que se foi coletado uma amostragem populacional para se ter melhor parâmetro do conhecimento dos tutores.

4. CONCLUSÕES

A partir dos resultados obtidos, pode-se verificar uma tendência crescente dos tutores de *pets* se preocuparem com a qualidade da alimentação que é ofertada para seus animais e também a forma de manter eles domiciliados, assim como a manutenção de sua saúde como um todo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigo

SANTOS, A. F., ROCHA, B. D., DE VALGAS, C, GREMIÃO et al. Guia Prático para enfrentamento da Esporotricose Felina em Minas Gerais. **Revista V&Z Em Minas**| Ano XXXVIII| Número, 137, 16-18, 2018.

RIBEIRO, Claudia Mello; LIMA, Débora Elenice; KATAGIRI, Satie. Infecções por parasitos gastrintestinais em cães domiciliados e suas implicações na transmissão zoonótica. **Veterinária e Zootecnia**, v. 22, n. 2, p. 238-244, 2015.

FERNANDES, A. R.F. et al. Soropositividade e fatores de risco para leptospirose, toxoplasmose e neosporose na população canina do Estado da Paraíba. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 5, p. 957-966, maio 2018

HALFEN, Dóris P. et al. Tutores de cães consideram a dieta caseira como adequada, mas alteram as fórmulas prescritas. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 37, n. 12, p. 1453-1459, 2017.

DA SILVA, Mayara Nobrega Gomes et al. Projeto “melhor amigo” na conscientização da guarda responsável de animais de estimação. **Revista Ciência em Extensão**, v. 9, n. 3, p. 43-52, 2013.

JORGE, S.S., BARBOSA, M.J., WOSIACK, S.R., COSTA et al. Guarda responsável de animais: conceitos, ações e políticas públicas. **Enciclopédia Biosfera**, v. 15, n. 28, p578-587, 2018.

MADRID, I. M.; OLIVEIRA, D. M.; NETO, FM Souza. Ações de vigilância e controle da esporotricose zoonótica na cidade de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 15, n. 1, p. 77-77, 2017.

Documentos eletrônicos

Secretaria de Saúde de Santa Maria diz que água disseminou surto de toxoplasmose. RBS TV, Rio Grande do Sul, 28, mar. 2019. Acessado em 13 set. 2019. Online. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/03/28/secretario-de-saude-de-santa-maria-diz-que-origem-do-surto-de-toxoplasmose-foi-a-agua.ghtml>